

## A HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA ESPACIAL DO EDUCANDO\*

Vilmar José Borges\*\*

*“...uma educação por ser educação haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades...”*

Paulo Freire.

A escola é uma instituição social e, como tal, se encontra inserida num contexto mais amplo, que é a sociedade. Ao cumprir seu papel como espaço de produção e de socialização de conhecimentos, implícita ou explicitamente, quase sempre deixa de formar o cidadão crítico, consciente, capaz de se entender como sujeito ativo e atuante, em condições de intervir e mudar as práticas sociais, transformando-se em um mero objeto de transmissão e difusão da ideologia dominante.

O ensino de Geografia, como parte integrante da grade curricular da Escola, perde, às vezes, o seu caráter científico e crítico, passando, através do conteúdo e metodologia com que é, muitas vezes, trabalhada na escola, uma visão positivista, livresca e empírica da Geografia, na qual o aluno se sente distante e estranho à mesma, ou seja, ao espaço, às relações sociais que o introduzem na natureza e na sociedade em que vive.

Por acreditarmos que essa mesma escola, através da atuação docente, pode fazer o contra-discurso e, assim, produzir o cidadão crítico

e atuante, apresentamos a presente proposta, como alternativa.

A análise da história da constituição do pensamento científico e do ensino de Geografia oferece-nos a oportunidade de discutirmos a gênese dos princípios da ciência moderna, bem como as diversas concepções de Geografia, de conhecimento e de mundo que se encontram subjacentes às práticas pedagógicas, sendo que o caminho que se vislumbra para tanto é o resgate da História do Pensamento Geográfico, buscando trabalhar os conteúdos de História e Geografia, de forma interdisciplinar.

Para uma melhor elucidação, procuraremos fazer um corte na História do Pensamento Geográfico, centrando nossa atenção na formação da Geografia como ciência, no positivismo e na Geografia Clássica.

O homem, por ser dinâmico, a partir da superação da necessidade de estar vivo, cria novas necessidades que procura satisfazer e, na satisfação dessas necessidades, faz Geografia, ou seja, produz seu espaço, transforma a

---

\* Trabalho desenvolvido sob orientação do professor Rosselvelt José Santos, disciplina História do Pensamento Geográfico, do Curso de Geografia da UFU.

\*\* Graduado em Estudos Sociais, professor de Geografia no período de 1983 a 1987, e aluno do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

natureza, cria e recria sua vida em sociedade. Nesse sentido, podemos vincular a Geografia à História e apreender a inter-relação e mútua determinação entre ambas.

A Geografia, muito antes de se firmar como ciência, já era objeto da preocupação de estudiosos e filósofos; porém, seu conteúdo era estudado de forma variada, solta e desconexa; sendo que, da Antiguidade Clássica até final do século XVIII, conforme afirma MORAES,

*"...não é possível falar de conhecimento geográfico, como algo padronizado, com um mínimo que seja de unidade temática, e de continuidade nas formulações"*(1988:33-4).

A sistematização do conhecimento geográfico só vai ocorrer com a transição do feudalismo para o capitalismo, no início do século XIX, tendo em vista a busca de superação das necessidades de expansão das relações capitalistas de produção.

Para a sistematização da Geografia, atendendo às necessidades do capitalismo em expansão, sobressaem-se os seguintes pressupostos históricos: o conhecimento efetivo da extensão real do planeta; a existência de um repositório de informações sobre variados lugares da Terra; o aprimoramento das técnicas cartográficas. Entretanto, paralelamente a essas condições materiais, surgem pressupostos teóricos e metodológicos, relativos à evolução do pensamento, que buscam no movimento ideológico característico daquele momento histórico de transição feudalismo/capitalismo,

*"...as formulações que, incidindo sobre os temas tratados pela Geografia, valorizam-nos, legitimam-nos, enfim dotam-nos de uma cidadania acadêmica"* (Moraes, 1988:37).

Assim, apoiada nas correntes filosóficas do século XVIII, que buscavam a compreensão de todos os fenômenos do real, com base na razão humana, (contrapondo-se à concepção teológica do mundo, em decadência), a Geografia obtém um fundamento geral para sua sistematização.

Embora a transição do feudalismo para o capitalismo tenha se manifestado em todo o continente europeu, essa transição não ocorreu de forma homogênea e como a sistematização da Geografia efetivou-se nesse período, centraremos nossa atenção no desenvolvimento do capitalismo na Alemanha, já que

*"os autores considerados os pais da Geografia, aqueles que estabelecem uma linha de continuidade nesta disciplina, são alemães - Humboldt e Ritter"* (MORAES, 1988:42).

A Alemanha do início do século XIX não se constituía como Estado Nacional, sendo um aglomerado de feudos, com traços culturais comuns, onde o poder absoluto em nível local, estava nas mãos dos proprietários de terras. Com o desenvolvimento do capitalismo, a Alemanha não rompe com o feudalismo, ao contrário, concilia-o, pois os donos da terra que antes produziam para o autoconsumo, passam a produzir para o mercado, não alterando, no entanto, as relações servis do trabalho, cuja produção era destinada ao exterior.

O Bloqueio Continental, imposto por Napoleão Bonaparte, vem dificultar a exportação da produção alemã, forçando, por conseguinte, o desenvolvimento das relações comerciais internas, que trouxe consigo o ideal de unidade, que se concretizou com a formação da Confederação Germânica<sup>1</sup>.

---

1. Congregação de todos os principados alemães e reinos da Áustria e da Prússia, ocorrida em 1815.

Assim, considerando a situação (falta da constituição de um Estado Nacional) e o momento histórico por que passava a Alemanha do início do século XIX (efetivação do capitalismo), questões como domínio e organização do espaço, apropriação do território, variação regional, além, é claro, dos conhecimentos geográficos, que, mesmo sem uma continuidade, já eram temas de estudos e discussões, constituiriam a mola propulsora da sistematização da Geografia como ciência e disciplina autônoma.

Ao se sistematizar como ciência, a Geografia vai buscar, no Positivismo, bases filosóficas e metodológicas que constituiriam o patamar sobre o qual se ergueu o pensamento geográfico tradicional, dando-lhe certa unidade.

A unificação da Geografia ao Positivismo, conforme Moraes e Costa, In BOTELHO (1987), gerou algumas manifestações como a redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, em circunscrever todo o trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos. De início, o Positivismo impôs que os estudos devessem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis, passando a aceitar a indução como a única via de qualquer explicação científica, onde o cientista seria mero observador, mesmo sabendo que qualquer explicação científica só é possível pelo método dedutivo. A Geografia abraça a seguinte máxima: "a Geografia é uma ciência empírica, pautada na observação"; o que fez com que a Geografia pagasse um preço elevado, pois tais limitações impediram que ela chegasse a algum conhecimento mais generalizador, sendo que, na prática, a Geografia Geral sempre se restringiu aos compêndios enumerativos e exaustivos.

Outra manifestação da filiação ao Positivismo é a não aceitação da diferença de qualidade entre o domínio das ciências humanas e o das ciências naturais, ou seja, o método de interpretação, comum a todas as ciências. Novamente o Positivismo impôs suas limitações de pesquisa, ou seja, a de que qualquer tipo de pesquisa deveria partir de orientações dos estudos

naturais. Tal limitação serviu para tentar encobrir o profundo naturalismo que o pensamento geográfico tradicional carregava em seu seio. O homem passa a ser considerado como um elemento a mais da paisagem.

Mas, na verdade, a Geografia sempre procurou ser uma ciência natural dos fenômenos humanos, daí o fato de essa disciplina englobar o relacionamento entre o homem e a natureza, sem se preocupar exclusivamente com os homens. Surge outra máxima globalizadora: "a Geografia é uma ciência de síntese". Essa máxima serviu para encobrir a ambigüidade e a indefinição do objeto da Geografia, pois a idéia de síntese atraiu para o estudo de Geografia tudo aquilo que interfere na vida da superfície terrestre.

A continuidade do pensamento geográfico não se sustentou apenas à custa dessas máximas, mas também em alguns princípios postos como não dialéticos. Estes princípios atuaram como regras de pesquisa, no trato com o objeto, que não podiam ser negligenciados.

Dentre tais princípios, destacam-se como os mais expressivos: "o princípio da unidade terrestre", "o princípio da individualidade", "o princípio da atividade", "o princípio da conexão", "o princípio da comparação", "o princípio da extensão" e "o princípio da localização". Portanto,

*"As máximas e os princípios são os responsáveis pela unidade e continuidade da Geografia. ... Tal fato enseja os dualismos que perpassam todo o pensamento geográfico tradicional: Geografia Física-Geografia Humana, Geografia Geral-Geografia Regional, Geografia Sintética-Geografia Tópica, e Geografia Unitária-Geografias Especializadas"*(MORAES, 1988:26).

Estas dualidades tentam explicar os fatos deixados no esquecimento pelas máximas e princípios, uma vez que qualquer tentativa de

explicar com clareza o que antes já havia sido explicado pelas máximas e princípios poderia ocasionar o desabamento do edifício geográfico, ou seja, a Geografia perderia amplamente sua autoridade. Mesmo assim, os dualismos se mantêm e se reproduzem.

Por essas razões, podemos afirmar que a Geografia, antes mesmo do "Movimento Renovador" (anos sessenta) já era indefinível, inconceituável; ou seja, trata-se de um fato histórico que remonta às origens e ao desenvolvimento interno da ciência geográfica.

Este Movimento Renovador torna as máximas, os princípios e o trabalho de campo, resultado de dois séculos de atividades, num compêndio temário. O fato de esse temário realizar a circunscrição mais abrangente do conhecimento geográfico o faz merecedor de ser mantido pelo Movimento Renovador.

*"Pelo temário geral da Geografia, esta disciplina discute os fatos referentes ao espaço e, mais, a um espaço concreto, finito e delimitável - a superfície terrestre"* (MORAES, 1988:29).

O Temário Geral passa a lidar com posicionamentos antagônicos e diversificados; logo, falar de Geografia dependerá sempre do contexto social presente.

O capitalismo industrial em ascensão, ao necessitar de um conhecimento aprofundado do espaço geográfico produtivo, cria uma nova necessidade expansionista, que caracterizará um novo momento histórico, bastante forte para influenciar uma nova escola geográfica, sem, contudo, provocar uma ruptura com o pensamento geográfico institucionalizado, ou seja, a Geografia Clássica.

Admite-se que o período clássico seja o compreendido entre 1901 a 1946, sendo, porém, difícil estabelecer períodos para a Geografia, pois existem autores que participam, através de seus

trabalhos, de dois períodos que se seguem, pois todas as transformações e mudanças no estudo e ensino da Geografia se processam a passos curtos.

No princípio, a Geografia Clássica preocupava-se somente em extrair da natureza o que ela tinha a oferecer, enfatizava a natureza, considerando o homem como consequência da mesma, não conseguindo relacionar aquela com este.

Os geógrafos clássicos preocupavam-se em fazer somente estudos regionais, desenvolvendo estudos mais detalhados de suas regiões, procurando minimizar os detalhes e entender os fenômenos naturais. Por muito tempo, as regiões (geográficas) foram chamadas regiões naturais e admitia-se que as condições com que a natureza agia, em certo local, determinava o limite da região, e que a ação do homem somente separava as regiões em zonas.

Em 1941, André Chollay propôs a conceituação das regiões geográficas como resultado da influência da natureza de acordo com seus aspectos (flora, fauna, hidrografia, etc.) e a organização do homem dentro deste espaço.

Os estudos regionais provocaram uma separação entre a Geografia Geral ou Sistemática e a Geografia Regional, contribuindo para que surgissem os geógrafos, especializados em cada área. Esta especialização fragmentou a Geografia e colocou em risco sua existência, empobrecendo-a em todos os aspectos, conforme afirma ANDRADE:

*"Esta Geografia dividida, compartimentada tanto na direção horizontal como na vertical, veio empobrecer epistemológica e metodologicamente a Ciência Geográfica"* (1987: 65).

Cada local produzia sua Geografia de acordo com suas necessidades e interesses; foi assim que surgiram as escolas Alemã, Francesa,

Britânica, Soviética, Americana, etc. Estas escolas tinham características nacionalistas, cada qual em prol do governo do qual dependiam e estavam subordinadas.

Porém, concordando com ANDRADE, podemos afirmar que,

*“A Geografia Clássica, ... com todas as suas fraquezas, teve grande importância porque atendeu aos desafios que a burguesia, como classe dominante, encontrou na sua luta pela exploração dos recursos e dos homens na superfície da Terra” (1987:66).*

Somente com estudos de Pièrre George e Paul Claval é que se generalizou a opinião de que a Geografia é uma ciência do homem e não da natureza, porque somente o homem procura compreender e explicar o que acontece na natureza, e explicar a produção e reprodução do espaço social. Antes destes estudos, a Geografia era uma ciência somente ideológica e descritiva.

Verifica-se, assim, que a Geografia, desde sua sistematização como Ciência, passando pelo Positivismo e chegando à Geografia Clássica, é uma Ciência impregnada de ideologia dominante e, como vivemos em uma sociedade capitalista, o ensino da Geografia, nos dias atuais, continua carregado dessa ideologia.

Segundo CHAUI,

*“...esse ocultamento da realidade social chama-se Ideologia. Por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e dominação, fazendo com que pareçam justas e verdadeiras” (1981: 20).*

No caso em tela, uma das faces dessa ideologia se estampa no fato de querer atribuir ao Movimento Renovador e à Geografia Crítica, a

responsabilidade pela confusão e indefinição do ensino de Geografia. Ora, como vimos, essa confusão é tão antiga quanto a própria ciência. O que ocorre é que durante a ditadura política e do próprio livro didático, trabalhou-se, durante anos, a tendência positivista como a única e verdadeira Geografia. Com a “abertura política” e o debate dos anos 80, socializa-se essa “indefinição do ensino” e, estrategicamente, os “donos da verdade absoluta”, culpam a Geografia Crítica pelo “caos” do ensino de Geografia.

Buscamos sustentação em MORAES, para propormos uma reflexão sobre nossa prática pedagógica, enquanto profissionais da Geografia, já que

*“...o que é Geografia dependerá da postura política, do engajamento social, de quem faz Geografia. Assim, existirão tantas Geografias, quantos forem os posicionamentos sociais existentes” (1988:30).*

Assim, sugerimos a implementação de um trabalho docente, que busque traçar um paralelo entre a História e a Geografia e que aponte direcionamentos para se pensar essas disciplinas como instrumentos não mais apenas de transmissão da ideologia dominante, mas como uma prática libertadora. Sabemos que o homem, por ser social, tem história; portanto, produz e é produzido por essa história e, a partir do momento em que o aluno se sente sujeito histórico, o mesmo toma consciência de si e do seu papel na sociedade.

Se, pela História, o aluno se insere no meio social e, portanto, educacional, pela história do pensamento geográfico, o aluno se sentirá um cidadão atuante no meio geográfico e produtor de Geografia.

Logo, cumpre despertar junto aos docentes da escola de 1º e 2º graus, a necessidade de trabalhar a história do pensamento geográfico, buscando a desmitificação da idéia de ciência

pronta e acabada, não apenas substituindo a Geografia Positivista pela chamada Geografia Crítica - que também é ideológica -, mas refletindo, criticamente, as "várias geografias" de forma dialética e as várias concepções de Geografia e de ciência como processo ensino-aprendizagem, para produzirmos uma nova Geografia.

#### BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia. *Geografia Ciência da Sociedade*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BOTELHO, Caio Lóssio. *A Filosofia e o Processo Evolutivo da Geografia*. Fortaleza-CE: Imprensa Universitária da UFCe, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia Pequena História Crítica*. 8ª ed., São Paulo: Hucitec, 1988 .
- \_\_\_\_\_. *A gênese da Geografia Moderna*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1989.
- SANTOS, Milton. *O trabalho do Geógrafo no terceiro mundo*. 2 ed., São Paulo: Hucitec, 1986.
- SODRÉ, Nelson Wemeck. *Introdução à Geografia - Geografia e Ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- OLIVEIRA, A.U. de. (Org.) *Para onde vai o ensino da Geografia*. São Paulo, Contexto, 1989.
- VESENTINI, José Willian (Org.). *Geografia e Ensino - textos críticos*. Campinas: Papyrus, 1989.